

A TEMPORALIDADE COMO FUNDAMENTO ONTOLÓGICO EM MARTIN HEIDEGGER

THE TEMPORALITY AS BASIS ONTOLOGICAL IN MARTIN HEIDEGGER

Joel Francisco Decothé Junior¹
Jéferson Luís de Azeredo²

Resumo:

O conceito de temporalidade receber por Martin Heidegger um destaque em *Ser e Tempo* (1927), especialmente ao longo de toda a segunda seção, nos instigando a uma importante questão: como pensar o tempo em relação ao projeto ontológico? A temporalidade aqui carrega a compreensão da própria forma da existência do ser que somos, como “lançados” no mundo (*In-der-Welt-sein*), como: *Dasein*. Busca-se a compreensão de como o *Dasein* se articula e enfrenta as demandas do tempo. O que passa por esta camada de sentido é o fato de que o tempo cronológico nos trava com a obnubilção desta busca pelo sentido do ser. A noção de tempo não se reduz a ação de movimento com momentos sucessivos e retilíneos, em termos de equivalência aonde se pode fazer e auferir a sua medição. O tempo, em termos heideggerianos, apresenta-se como um fenômeno existencial, e se dá sempre como um “aberto”, como possibilidade existencial. É possível uma tomada de percepção, um encontro filosófico com a questão ou apenas um *insight* para poucos? Como pensar o tempo como uma efetivação da realidade do ser-aí? Assim, tomaremos essas e outras questões aqui neste texto no exercício de pensar como Heidegger coloca a temporalidade como existencial e o que podemos esperar dessa mudança ontológica.

Palavras-chave: Tempo. Heidegger. Existencial. *Dasein*.

Abstract:

The concept of temporality was thought by Martin Heidegger in *Being and Time* (1927), especially throughout the second section, instigating an important question: how to think about time in relation to the ontological project? The temporality here contains an understanding of the very form of the existence of the being that we are, as "threw" into the world (*In-der-Welt-sein*), as: *Dasein*. It seeks to understand how *Dasein* articulates and faces the demands of time. What goes through this layer of meaning is the fact that chronological time stops us with the obscurity of this search for the meaning of being. The notion of time is not reduced to the action of movement with successive and straight moments, in terms of equivalence where one can make and obtain its measurement. Time, in Heideggerian terms, presents itself as an existential phenomenon, and always occurs as an “opening”, as an existential possibility. Is perception possible, a philosophical encounter with the question or just an insight for the few? How can we think of time as a realization of the reality of being-there? So, we will take these and other questions here in this text in the exercise of thinking about how Heidegger puts temporality as existential and what we can expect from this ontological change.

Keywords: Time. Heidegger. Existential. *Dasein*.



Aproximação ao problema da existência temporal do *Dasein*

Vemos que o conceito de temporalidade recebe um destaque em *Ser e Tempo* (1927) por Heidegger (1889-1976), especialmente ao longo de toda a segunda seção, que tem o tema dividido em seis capítulos, nos instigando a uma importante questão: como pensar o tempo em relação ao projeto ontológico de Heidegger?

Ao nos voltarmos em direção a obra *Ser e Tempo*, percebemos uma espécie de clareza apontada por Heidegger que deixou claro, desde o início, que ele percorria um caminho que buscava “uma explicação originária do tempo enquanto horizonte de explicação do ser a partir da temporalidade” (2008, p. 55). O tempo ganhou em Heidegger uma primazia explícita, a ponto de, aparentemente, “subordinar” a espacialidade, como podemos ver na 1ª seção da obra (§22 a 24) e depois é retomada no §70, sempre em relação a ontologia do tempo.

A temporalidade em *Ser e Tempo* precisa ser entendida sob a compreensão da própria forma da existência do ser que somos, como “lançados” no mundo (*In-der-Welt-sein*), como Heidegger chamava: *Dasein*.

Singularizado pela filosofia do *Dasein* que “[...] existe sob um céu vazio e sob a força de um tempo que tudo devora, e que é dotado do talento de esboçar a sua própria vida” (SAFRANSKY, 2005, p. 17), o *Dasein* prima por “[...] se importar com o seu próprio poder-ser (*Seinkönnen*)” (SAFRANSKY, 2005, p. 187), ponto central desta primeira filosofia de Heidegger, ou seja, é um vetor analítico que Heidegger reflete e que se projeta ao ser mesmo incluindo outros existenciais decorrentes como, ser-para-a-morte³ e ser-com. É em *Ser e Tempo* que o autor recupera o horizonte de interpretação do sentido do ser a partir do tempo, mesmo tendo apontado em obras anteriores como *Sobre o Conceito de Tempo* (1924) e *Prolegômenos à História do Conceito de Tempo* (1925). Nesta esteira de relação ser e tempo, Heidegger voltaria a apresentar numa 3ª seção⁴ da primeira parte da sua obra, que se denominaria *Tempo e Ser*, o entendimento do tempo como horizonte transcendental da questão do ser. A obra *Ser e Tempo* perfez, contudo, o desenvolvimento da temporalidade do *Dasein*, com o seu sentido fundamental, conferindo-lhe, assim, uma concepção de antecipar a vida e a morte, ou seja, ele perscruta sua vida como um todo em consciência e propósito, ele se constitui essencialmente histórico. Em síntese, quando Heidegger pensa o tempo como horizonte de explicação do ser, ele se vincula a uma tradição que permite, em certo sentido, pensar o tempo como “condição de possibilidade” da compreensão do ser, e é exatamente esta “condição” que buscamos esclarecer aqui.

O nexos ontológico entre tempo e ser foi se modificando na obra de Heidegger, principalmente em três momentos específicos, postos aqui em uma espécie de “linearidade” para que possamos compreendermos melhor essa dinâmica da condição do tempo em relação ao projeto ontológico:

- I. destaque à temporalidade em relação a espacialidade em *Ser e Tempo*;
- II. nas décadas de 1930 e 40, a espacialidade se destaca e surge o conceito de acontecimento-apropriador;
- III. [iii] na década de 1950, pela relação estrutural do *Geviert* (quadratura) enquanto um modo concreto do conceito de acontecimento-

apropriador.

Estas três variações que não anulam a temporalidade como esfera de compreensão do ser, amalgamam-se em uma nova topologia, denominado por muito comentadores como “topologia do ser” (SARAMAGO, 2008), pois “essa mudança não é consequência de alterar o ponto de vista, muito menos de abandonar a questão fundamental, do ser e do tempo” (RICHARDSON, 2003, p. XVII, tradução nossa).

A finitude⁵ é o que mais derivamos do tempo e é visível pela referência da morte, a partir do que ela significa especificamente como um acontecimento fenomênico de caráter existencial, pois é capaz de desvelar o agir e remeter o *Dasein* para dentro da imanência mais interna e verdadeira do tempo. O fato do *Dasein* se ater à morte em termos de querer ter a compreensão deste fenômeno, abre a via de entendimento com a força de se descobrir como aquele - um ente - que é absolutamente finito e assim, detém consigo a limitação do existir, atada ao desaparecimento desta esfera da existência vivencial no nada que lhe angustia. Por conseguinte, a compreensão do tempo que “[...]se abre a partir da finitude, isto é, do adiantar-se à morte em sentido próprio” (STRAKE, 2006, p. 66), busca na compreensão da morte uma possibilidade e confere o modo de ser particular do *Dasein*, isto é, o modo de ser-para-a-morte, pois assim se viabilizada com isso a própria noção compreensiva de tempo num sentido propriamente autêntico. Tal compreensão do tempo está posta como uma viabilidade existencial, como uma efetivação mais autêntica.

O mais comum é encontrarmos o *Dasein* imerso em cotidianidade, como afirmava Heidegger em seções bem claras em *Ser e Tempo* (§67), apenas fazendo o esforço de um entendimento corriqueiro do tempo, buscando o sentido do ser que acontece na dinamicidade de sua vida hodierna. Deste entendimento temos o sentido de ser estabelecido apenas como realização de cada ação diária, pois é dentro da esfera do tempo que é paramentada pelo seu uso cronológico que os afazeres rotineiros dos dias anuais o envolvem em dispersão. Nesta perspectiva, o tempo tratado como aquele elemento que pode ser calculado [...] significa pensar de forma mecânica e deterministicamente. No cálculo podemos prever resultados, mas estes resultados não são questionados” (DONATO, 2014, p. 11). Assim, em nossa busca por compreensão de como o *Dasein* se articula e enfrenta as demandas do tempo, o que passa por esta camada de sentido é o fato de que o tempo cronológico nos trava com a obnubilação desta busca pelo sentido do ser.

Seguindo por nosso caminho que busca relacionar ser e tempo pela leitura ontológica de Heidegger, percebemos que nosso autor debateu a questão do tempo em diversos textos e palestras, entretanto, as que mais se destacaram foram: (i) “O conceito de tempo”; (ii) “Ser e tempo”; (iii) “Seminários de Zollikon” e no (iv) “Fenomenologia da vida religiosa”, em que podemos encontrar uma busca por um desvelamento que deixe aparecer a noção de tempo não reduzida a ação de movimento com momentos sucessivos e retilíneos, em termos de equivalência aonde se pode fazer e auferir a sua medição, pois o tempo não está circunscrito a ser uma mera coisa cronometrada, mais, compreender o tempo a partir de um fenômeno existencial.

Mas como exatamente se dá este “tempo” que se mostra aberto como possibilidade existencial? É possível uma tomada de percepção, um encontro

filosófico com a questão ou apenas um *insight* para poucos? Como pensar o tempo como uma efetivação da realidade do ser-aí? Assim, tomaremos essas e outras questões aqui neste texto no exercício de pensar como Heidegger coloca a temporalidade como existencial e o que podemos esperar dessa mudança ontológica.

A temporalidade como projeto do Ser-aí – *Dasein*

Para Heidegger (1997), o questionamento pelo sentido do tempo não se reverte num esforço de se apegar atabalhoadamente a qualquer resposta que seja simplista, e menos ainda, aonde se defina o que venha ser o tempo de forma determinada e que assim, designe uma espécie de conclusão do que seja o sentido do tempo em termos absolutos. Decerto, Heidegger anteriormente a publicação da obra “*Ser e tempo*” em 1927, tinha a pretensão de formular uma nova percepção conceitual do que fosse o tempo, tendo isso como um modo de elucidar a hermeticidade desta aporia. Desta forma, o filósofo de Messkirch, tentava avançar para além da compreensão de senso comum que tradicionalmente encerrava a discussão sobre a questão do tempo, numa estrutura categorial de tempo que pudesse ser mensurada em termos de movimento ou somente como uma ação intuitiva. De qualquer forma, o entendimento do conceito de tempo estaria fundado na emergência do presente, sendo que para Heidegger o que importa é o tempo do agora. Esta concepção de tempo do agora, acaba refletindo um aspecto do tempo e não necessariamente a gênese deste fenômeno. O tratamento da aporia do tempo na filosofia heideggeriana, recorre a uma gama variável de pensadores da tradição filosófica ocidental. Porém, a posição de Heidegger é a de que a originalidade do fenômeno do tempo não reside na capacidade da ciência poder esquadriñar com cálculos este fenômeno da vida.

Se a noção aristotélica definiu assim o tempo, como expressa bem Abbagnano (2003, p. 945), como um “[...] número do movimento segundo o antes e o depois” essa tradição “estagirita” influenciou muitos filósofos pela tradição que leva em conta uma referência categorial do tempo. Como por exemplo em Immanuel Kant (1724-1804), em que o tempo não significa uma mera ordenação sucessiva de fatos, porém tem sua base numa ordem de causalidades. Para ele, o tempo não se resume a uma noção empirista que pode ser extraída taxativamente das experiências materiais, a noção de tempo se volve na força de um movimento categorial apriorístico. Assim, para o pensamento kantiano, o tempo não se reverte em um conceito discursivamente universal, mas na forma pura da intuição sensível.⁶ Logo, o tempo não subsiste em si mesmo, todavia, diz respeito ao sujeito que o intui. A rigor segundo Kant (1999, p. 80), a categoria de tempo acaba sendo meramente uma atividade subjetiva da intuição humana, que se mostra possível pelo fato de o sujeito cognoscente ser constantemente em sua sensibilidade, afetado pelas coisas que estão diante de si externamente. A leitura de Kant sobre o tempo está calcada na força da intuição humana, pois esta postura se preocupa com o que vem de imediato da externalidade causal em sucessivos fenômenos formalizáveis pelas noções de espaço e tempo.

Já Hegel (1770-1831), parece interessar mais a leitura de Heidegger, quando este enfrenta tal aporia do movimento intuído. Em “*Ser e tempo*” no capítulo seis, parágrafo oitenta e dois, Heidegger denota uma justaposição entre

o espaço e o tempo efetuadas na leitura que Hegel fez da questão do tempo. Segundo Heidegger, Hegel entende que a perspectiva do tempo tem um acento na intuição do movimento ou melhor do *devenir* intuído que representa uma mudança radical, isso porque o movimento do ser ao nada e do nada ao ser se efetivam neste deslocamento dialético. O tempo reside no próprio conceito que se constitui como consciência e intuição vazia.⁷ Nesta linha de argumentação Heidegger expõe que o tempo se configura como o dado não pensado que meramente se apresenta na sucessão de inúmeros “agoras”. Na visão de Heidegger estas posições filosóficas sobre a questão do tempo são relidas desde a lente da fenomenologia e da hermenêutica. Vemos MacDowell (1993, p. 177) argumentar que a filosofia heideggeriana operou metodologicamente como uma destruição fenomenológica da história da ontologia tradicional, tendo como agenda de trabalho a recolocação do problema do sentido do ser e, conseqüentemente, do sentido do tempo para a sua reconfiguração positiva e de forma hermenêutica fazer a releitura deste fenômeno. Para Heidegger, há um liame entre a vida do *Dasein* e o tempo, isso em razão da exigência de se viver de forma autêntica, pois o *Dasein* é atravessado pelas provocações que vêm do tempo. A tarefa seria a de fazer um esforço para se obter uma compreensão razoável do tempo. Assim, ele insiste que o fenômeno do tempo não deve ser entendido como a sucessão de movimentos, como pura intuição ou mero *devenir*, pois o tempo não está encerrado num extático momento do mero agora.

Para Heidegger o tempo delimita conceitualmente o que venha a ser o ser do *Dasein* diante do *devenir* que está de frente para o futuro. Isto implica em uma tensão entre a noção de tempo hodierno e de tempo próprio na dinamicidade da existência do *Dasein*. Esta tensão indica que o agir constitutivo do *Dasein* em ser obnubilado por sua condição de finitude, pode fazê-lo não dar atenção ao seu ser em si mesmo, mas pode ainda fazer com que o *Dasein* retome a busca própria no tempo pelo sentido de seu ser.

Essa compreensão nos mostra que o tempo se faz acessível a existência do *Dasein* em várias esferas da vida em sua imanência. Heidegger forja uma filosofia da existência em termos ôntico e ontológico, onde o *Dasein* se insere numa articulação de acesso ao ser em tensão com as aporias do tempo. O deslocamento se dá para a esfera de uma compreensão da temporalidade extática, sendo que como argumenta Inwood (2002, p. 141) Heidegger reelabora o sentido germinal do sair de si, onde o deslocamento do tempo sai de si para o passado, o presente e o futuro. Assim, a categoria de temporalidade para o pensamento heideggeriano entende que o tempo é um fenômeno que precisa ser analisado. Logo, o tempo não se mostra em sua completude, mas requer que se faça uma espécie de explicação rigorosa e minuciosa das diferentes características que residem neste fenômeno. Com esta perspectiva em voga, o que se quer é ter acesso ao tempo para bem ser elaborado fenomenológica e hermenêuticamente. Esta abordagem não toma como primazia uma mera racionalização do tempo, mas requer que se faça uma leitura existencial do tempo em que o *Dasein* está jogado hodiernamente. O *Dasein* é o ente que se questiona e busca elaborar repostas sobre a problemática do tempo. É na existência das vivências do dia a dia em que se encontram as peculiaridades do fenômeno temporal que se pretende elucidar desde a filosofia da temporalidade existencial de Heidegger.

Com a analítica existencial do *Dasein*, temos o esforço de demonstração

em que este ente ao se interpelar sobre a sua condição mesma, no campo de sentido do querer, se autocompreende em seu modo de ser-no-mundo. Este ente está inserido numa interatividade com as demais coisas e outras alteridades. Assim, o *Dasein* é um ser-no-mundo que se constitui e se depara com o desafio existencial de lidar com as demais pessoas, com as coisas e com o próprio mundo. Vale dizer que para Heidegger (1997, p. 17) o *Dasein* como ser-no-mundo pode ser interpretado como este que está no mundo como um ser que tem de encarar o mundo, fazer algo neste, realizando e efetuando obras, mas não pode deixar de lado a via da contemplação, do questionamento e da determinação de observar e comparar as coisas que passam diante de si na sua existência. O *Dasein* existe e ostenta uma estrutura que o possibilita exercer a faculdade da compreensão, isto é, faz-se necessário asseverar que o *Dasein* comporta em sua existência uma correlação de verdadeira importância com o tempo. Quer queira ou não o *Dasein* é interpelado pelo fenômeno do tempo, sendo isto o que lhe impulsiona a questionar o que venha a ser o tempo. Nesta busca de entendimento do que venha ser o tempo e a forma como o *Dasein* acaba sendo questionado por este fenômeno, teremos que fazer uma análise das diversas esferas que estão implicadas na questão do tempo reelaboradas conceitualmente pelo pensamento heideggeriano.

O fenômeno do tempo na perspectiva heideggeriana pode ser articulado pelos seguintes modos: (i) a temporalidade imprópria do *Dasein*, que indica a situação da queda⁸ onde este ente se ocupa com a compreensão e apreensão do tempo; (ii) a intratemporalidade que indica a noção de tempo comum, em que o tempo é encarado como tempo disponível a todos hodiernamente na imanência do mundo da vida e sendo o modo temporal por meio do qual o *Dasein* conta o tempo.

Conforme Strake (2006), a compreensão do tempo se dá como que num fenômeno privilegiado na existência do *Dasein*, desde a implicação da noção de morte em que o tempo se desvela como algo em nada linear. Porém, este detém um movimento circular e paralelamente sendo encarado por Heidegger como o horizonte extático do tempo. Os três modos de êxtases da temporalidade de se projetar para fora de si são o porvir, o sido e o presente. Dentro destas esferas de argumentação filosófica sobre o tempo, ou seja, a temporalidade imprópria, a intratemporalidade e a temporalidade própria, temos que reconstruir a concepção de existência que envolve o agir existencial do *Dasein* na condição de ser um ente finito e situado histórico-temporalmente.

Descrição da temporalidade imprópria como representação do tempo comum

O questionamento pela compreensão do tempo em sua forma imediata e comum emerge da existência ôntica e ontológica do *Dasein*, que está jogada na dinâmica do acontecer do dia a dia. A condição existencial do *Dasein*, requer que se tenha uma compreensão do tempo desde a sua situação vivencial concreta que está inserida na imanência das demandas ativas que esta ser pode realizar com seus projetos e a efetivação deles, seja para si mesmo ou com os demais entes no mundo. Na articulação de sua vida o *Dasein* estabelece uma correlação de conformidade consigo e com as demais alteridades, pois a sua busca existencial é a de firmar uma certa relação de familiaridade estável para

que a sua existência ganhe sentido. Diante deste estado de coisas, diante do modo de existir diário, a noção peculiar do ocupar-se no mundo é nominada como a forma do modo impróprio. Assim, o *Dasein* existe e acaba se reconhecendo desde o seu imbricamento com o mundo a sua volta. A existência do *Dasein* em seu modo impróprio vem a ser a sua condição legítima, característica e frequente diante de seu ser com os outros. Jogado no mundo da vida cotidiana, na experiência de coexistência com outros seres, o *Dasein* se observa como um ser que percebe que o seu ser está submerso na passagem das horas diárias. O tempo aqui é quantificado na utilização do relógio cronometrado. Desta forma, o tempo que surge é o tempo em que as tarefas imediatas vão surgindo na existência do presente.

Ademais, o tempo nesta perspectiva se torna uma situação capturada pela força da cotidianidade onde se tem a descrição do tempo como que sendo ocupado. Com isso, o tempo ocupado acontece pela razão de o *Dasein* viver o seu cotidiano com intensidade e num modo existente que lhe faz aderir a certa conformidade entediante, tentando sempre afastar possibilidade de sua condição mais própria que é o de seu ser, ser-para-morte. Em meio a esta condição de apaziguamento com os demais entes, em uma discursividade idêntica, se dá onde todos os entes compartilham suas intenções, ideias e tarefas. O que se pode observar é que a tentativa de se evitar os estranhamentos e surpresas diante dos fenômenos da vida, conforme Heidegger assevera, se entrelaçam com os modos existenciais do *Dasein* estar situado em sua condição de queda. Na busca por se autocompreender, o *Dasein*, segundo Heidegger, em sua homogeneidade se coloca na coexistência impessoal e, em seu estado de queda tem ampla dificuldade em lidar plenamente com a sua existência de estar lançado como ser no mundo, pois tem de administrar com responsabilidade e cuidado o seu próprio ser. Entregue a angústia na condição de ser jogado no mundo da vida hodierna, o *Dasein* sofre diante da possibilidade última da morte. Isso porque está em uma situação em que age num movimento de fuga absoluta para dentro da vida cotidiana, sem querer se preocupar com o seu porvir. O que lhe apraz é se ocupar plenamente com o mundo presente e suas exigências imediatas, ou seja, o que acontece é que o *Dasein* se dispersa do cuidado existencial com seu próprio ser finito.

Por essa leitura o *Dasein* vive a angústia que envolve o estado do seu poder-ser mais próprio que é o de seu ser-para-a-morte. Heidegger articula a sua compreensão sobre a vida do *Dasein* que desempenha as suas tarefas, faz projetos e age para realizar os mesmos. Porém, quando se depara com a realidade de se comprometer com o seu poder-ser mais próprio este titubeia. Aqui o que se mostra é o modo impróprio de se obter um entendimento abalizado do futuro no qual Heidegger denomina de espera. Longe de sua autêntica condição de ser no modo da espera, o *Dasein* se vela para que o seu ser de estar jogado de forma constitutiva, se esqueça do seu modo de poder-ser próprio em meio as mais amplas possibilidades. Com isso, o *Dasein* caído toma o seu tempo de uma forma imprópria e que está atrelada ao modo de esquecimento que não busca reflexionar sobre o sentido de seu próprio ser. Se o *Dasein* no tempo impróprio se esquece de refletir sobre o seu próprio modo de ser originário, conseqüentemente o que resta é a ocupação com as coisas mundanas e a realização das necessidades mais fugazes que podem estar diante de seu si mesmo. Tal modo de ser está imerso no falatório diário em que

na perspectiva filosófica heideggeriana, será o sentido impróprio do tempo presente, sendo a “presentificação”. Apenas a convocação e a resolução que advém da ostentação da angústia, tem as condições reais de empurrar o *Dasein* ao ato de se reanimar-se, e sair desta condição dispersiva, para que possa se encontrar consigo mesmo. O *Dasein* desta forma poderá se apropriar de sua condição finita naquilo que Heidegger entende como temporalidade própria e imprópria diante do porvir. Assim, Heidegger argumenta:

Este *deixar-se-vir-a-si* que, possibilidade privilegiada a sustém, é o fenômeno originário do porvir. Se, ao ser da presença, pertence o *ser-para-a-morte*, próprio ou impróprio, este então só é possível como *porvindouro*, no sentido agora indicado e que ainda deve ser determinado de forma mais precisa. “Porvir não significa aqui um agora que, *ainda-não* tendo se tornado “real”, algum dia o *será*. Porvir significa o advento em que a presença vem a si em seu poder-ser mais próprio. O antecipar torna a presença *propriamente* porvindoura, de tal maneira que o próprio antecipar só é possível quando a presença, *enquanto um sendo*, sempre só é possível, em seu ser, é e está por vir. (2008, p. 410).

Entretanto, a elucidação que precisa ser feita sobre o tempo na vida diária mostra como um dos modos de existir do *Dasein* se entende pelo movimento do tempo em que este ente consegue lidar com esta disposição. Isto quer dizer que o *Dasein* se joga nas ações da vida diária e se ocupa com uma gama de atividades corriqueiras, pois está numa condição dispersa que lhe compromete com tudo aquilo que é fugaz e imediato. Todavia, esta é a condição do tempo impróprio no presente, pois suas exigências que estão no cotidiano evocam que o *Dasein* se imbrigue com as tarefas da vida diária, se preocupando apenas com o tempo que é puramente quantificado, cronológico e explicitamente mensurável por cálculos matemáticos. Heidegger ao fazer a descrição da temporalidade imprópria, acaba situando este modelo de acessibilidade a categoria de tempo, conforme estamos vendo, num diapasão de tempo comum para todos os entes existentes. O tempo nesta perspectiva desvela uma condição existencial da vida do *Dasein* que está baseada no modo de ser ôntico e ontológico, onde o seu modo de operar está centrado no presente. A temporalidade imprópria nos leva a considerar outra faceta do tempo na elucidação do que seja a existência do *Dasein* em meio ao tempo que vem atingir o próprio mundo da vida, a saber, a intratemporalidade.

A exposição da intratemporalidade como substância do tempo público

A questão que abarca a noção elucidativa de intratemporalidade, torna mais compreensiva para o nosso entendimento do problema da temporalidade, a questão do tempo público que é o tempo mundano. Com isso, para Dastur (1990, p. 116), o próprio “[...] *Dasein* não é apenas temporal: enquanto *Dasein* de facto é também - no tempo”. Ademais, insistir na busca por compreensão articulatória do entendimento da categoria da temporalidade imprópria, ganha relevância porque o *Dasein* desvela o tempo em momentos sucessivos arraigados ao cotidiano e nas relações intra-humanas com as demais subjetividades. O tempo aqui é visto como um operador que serve de vetor para

algo funcional na linha de que esteja diante de vários afazeres e empreendimentos. O *Dasein* age como ser no mundo, sendo assim, a relação com o tempo se dá com relação as tarefas, tecendo uma interpretação que está direcionada com algumas coisas da cotidianidade imediata. O tempo precisa ser compreendido desde o envolvimento dentro do próprio mundo, este não é um tempo ao qual o *Dasein* reconhece como sendo propriamente seu. Porém, este traço do tempo é marcado pela impessoalidade que viceja diante de si mesmo e encontra-se disponível no mundo da vida. Heidegger, pondera que o *Dasein* está jogado em seu ser no cotidiano, tendo isso como consequência o dado de que o tempo não se fixa como possibilidade de compreensão plena da existência sem se recorrer a operação de quantificação calculista do tempo.

Nesse ponto, o pensamento heideggeriano expõe um elemento importante que é o de que o *Dasein* existe substantivamente lançado e decaído no mundo, sendo está a sua ocupação onde este ente interpreta o tempo nas bases de uma contagem matemática este fenômeno. A quantificação do tempo é uma das contínuas peculiaridades em que esta categoria está fatalmente imersa no mundo da vida, isso justifica o fato de o *Dasein* se estranhar com o tempo no próprio mundo como possibilidade temporal de ação para todos os existentes imbricados com o tempo público. Ao fazer isso, o *Dasein* intensifica a sua ocupação com o tempo para que consiga se situar e orientar-se impessoalmente (*das man*). O resultado desta ação fomenta a máxima de que o tempo se faz disponível nesta estrutura comum para os seres mundanos. Aqui o tempo pode ser quantificado pela razão de que de alguma forma este já é dado. O *Dasein* está em tensão limiar de estreitamento com o tempo que possibilita a contagem deste fenômeno por meio do método de cálculo. Isso se dá pela razão de Heidegger (2001, p. 69), ponderar que “[...] sempre só posso tomar algo que me é dá-vel.” O *Dasein* se orienta pela via do tempo tendo em vista a realização de seus projetos na vida, esta postura precede todo tipo de mediação mensurável e cronológica do tempo, pois o já ter tempo é aquilo que possibilita a própria ação de mensurar o mesmo. Lidar com o tempo ocorre com as diversas formas de entender que se tem do tempo, que se leva tempo, que se desperdiça o tempo, que se falta tempo. Para Heidegger, a questão dos “[...] caracteres do tempo são databilidade, interpretabilidade, amplitude temporal e estado público” (HEIDEGGER, 2001, p. 74).

A relevância que Heidegger indica sobre tal questão, está na noção de que o *Dasein* faz um movimento hermenêutico de perceber os sentidos das relações intersubjetivas e temporais de coexistência com os demais seres. Isso tendo em vista que aqui a denotação recaí sobre um tipo de leitura deste tempo que é negativamente determinada pela não existência de uma compreensão do tempo sem uma espécie de significância. Deste modo é que temos a visão de que, “[...] tempo é sempre o tempo em que isto ou aquilo acontece” (HEIDEGGER, 2001, p. 87). A mensuração do tempo público faz menção a um tipo de tempo apropriado ou inapropriado que objetiva efetivar as tarefas que dão conta de sanar todas as dúvidas das questões imediatas que dizem respeito ao presente. O *Dasein* entende o tempo desde o real do presente, que se faz numa possível condição de ser quantificado, calendarizado na linha da determinação do tempo de agora que quer capturar o tempo do agora que acontece. O entendimento do tempo do mundo se dá como uma das possibilidades que estão calcadas na ideia de temporalidade imprópria do

Dasein. Em Heidegger o tempo ainda pode ser contabilizado no dia a dia como uma coisa rasa, ou seja, a compreensão pode ser elucidada num diapasão de sucessivas linearidades de instantes homogêneos, que se dão com uma série de sequencialidades de “agoras” estratificados em ordem numérica. Segundo Heidegger (1997), o problema do tempo é suscetível de ser mensurado quando este é constituído de forma homogênea, o tempo se dá num desenrolar, onde as estações estão numa certa relação de mutualidade entre o mais tarde com o mais cedo.

Mediante esta espécie de cálculo quantificador do tempo, o que Heidegger faz é asseverar que se tenha uma posição de avaliação que tome base a compreensão vulgar do tempo. Este entendimento vulgarizado do tempo se dá a partir do instante em que passa a existir uma equiparação com o tempo público. Nesta direção o tempo é percebido como mera coisa, destituída do axioma do para quê, onde não há mais a possibilidade de o tempo estar sendo referenciado a alguma coisa que esteja inserida em algum contexto de significação. Para compreendermos a intratemporalidade como sendo o tempo do mundo, requer que se mostre que o *Dasein* esteja lançado no tempo e venha a se autocompreender desde o tempo porvir que se insere nos dilemas do mundo da vida. O tempo do mundo nos remete ao entendimento da contagem fracionada do tempo, na utilização de uma metodologia animada pela cronologia sequencial de instantes, que tem no presente a sua base de sentido e que não alça a reunião de acabamento das esferas do tempo. Outrossim, para Strake (2006) o que resta é a dispersão e a entrega da vida temporal do *Dasein* aquelas ocupações diárias que estão ligadas ao tempo impróprio. Se levarmos em consideração a temporalidade no sentido da queda como sentido improprio de uma fenomenologia do tempo, teremos a ideia de que a condição existencial do *Dasein* passa pela busca por compreensão da intratemporalidade como elemento do tempo no mundo da vida.

Temporalidade própria como esfera de ação histórico-existencial do *Dasein*

A importância da vivência que o *Dasein* tem no tempo se estende tanto no caso do tempo como no estado de queda ou na forma da intratemporalidade. O que isto significa é o fato de o tempo em certa medida se referir a vida do ente, sendo esta razão a peça fundamental para que o tempo seja quantificável. Mesmo diante do fenômeno do tempo como algo primordial, esta visão heideggeriana se ergue num sentido de crítica do ato de se calcular e de se fazer uma captura cronológica do tempo. Cabe dizer que as duas posturas são oriundas da noção de temporalidade própria. A investigação sobre a concepção de temporalidade própria ocorre na linha de se procurar obter uma determinada compreensão da atitude existencial do adiantar-se à morte, que é a condição extrema a ser vivenciada existencialmente pelo *Dasein* em sua ação de se apropriar de seu estado de *ser-para-a-morte*. Esta atitude de prolepse diante da morte, faz com que o *Dasein* alce a compreensão de seu finitude e inserção definitiva abre a possibilidade de apropriação do tempo pela *Dasein*. Neste sentido o fenômeno da morte se mostra como a realidade inevitável da vida do *Dasein*, sendo a sua existência marcada pela presença da morte em tensão com a vida. O nascimento deste ente já mostra que o seu ser se constitui como um

ser destinado e que é conduzido para a possibilidade última que é a da finitude mortal. Inevitavelmente o *Dasein* terá que lidar com a queda no âmbito da temporalidade devido a sua situação de saber que é um ser finito.

Entretanto, o *Dasein* fugirá desta confrontação cotidianamente recorrendo as funções diárias do mundo da vida. Porém, na esfera da temporalidade própria o *Dasein* se resignará responsabilmente e assumirá sempre a sua impossibilidade de existir e não estar mais no mundo. Ao ser atingido pela sua possibilidade mais própria que é a morte, este ente se angústia por estar de frente para este risco que tem a característica da indeterminade. Contudo, o *Dasein* resignado diante desta sorradeira provação da consciência, tem de se confrontar com a tensão angustiante que lhe atinge por ser um existente marcado pela finitude. A situação existencial do *Dasein* no tempo é a de ter de se confrontar com o seu *ser-para-a-morte*. Desta forma este ente assume a sua condição mais própria, pois aqui está o seu poder-ser onde este ente se encontra consigo mesmo. Assim o *Dasein* retorna reflexivamente para si mesmo ou vai até o seu modo de poder-se lançado no mundo sem falatórios e vulgaridades, isto o projeta para a situação existencial no tempo próprio de seguir rumo a experiência de viver a sua existência ligada ao porvir. Nesta perspectiva, é pela via da operatividade proléptica que o sentido do tempo se desvela propriamente para existência do *Dasein*. O projetar-se mediante a possibilidade da impossibilidade no que tange a condição de existir em vistas do futuro, é que demarca a peculiaridade da operação proléptica e o arranca da vida e da vagueza existencial do presente, que no dia a dia, se mostra existencialmente como história em que a sua condição atomizada e de finitude exige do *Dasein* a tomada de decisão existencial visando a unidade temporal do cuidado do ser autêntico, Heidegger argumenta:

Se a decisão constitui o modo da cura em sentido próprio, e se ela mesma só é possível pela temporalidade, então o próprio fenômeno obtido com vistas à decisão deve apresentar apenas uma modalidade da temporalidade que torne possível a cura como tal. Enquanto cura, a totalidade ontológica da presença diz: anteceder-se-a-si-mesmo-em (um mundo) enquanto ser-junto-a (entes que vêm ao encontro dentro do mundo). ao se fixar pela primeira vez a articulação dessa estrutura, mencionou-se que, no tocante a esta articulação, a questão ontológica deveria ainda remontar à liberação da unidade na totalidade de sua multiplicidade estrutural. A unidade originária da estrutura da cura reside na temporalidade (2008, p. 411).

Portanto cada *Dasein* em sua condição ôntica, terá de lidar com a finitude que a morte lhe apresenta como o caso intransferível. Estar jogado na condição de uma existência histórica crivada pela finitude, apresenta ao *Dasein* o limite de seu usufruto do tempo. Nisto a apropriação do tempo de duração de sua existência, mostra que este ente vive a condição de estar aí lançado, pois desta forma, este ser existente é chamado para cuidar de si ao projetar a sua existência no tempo. É mister afirmar que assim o *Dasein* se constitui como um ser temporal em que o próprio tempo lhe abarca e o projeta para o porvir, onde a sua radical possibilidade ser si mesmo é real. Segundo Heidegger (1997), ser o ser aí apreendido na fronteira da possibilidade de ser ligado ao tempo apropriado não é estar preso ao tempo da cotidianidade. Desta forma, o porvir se apresenta

como a esfera temporal em que se abre a opção proléptica da morte que coloca à disposição a compreensão do tempo em seu estado próprio. Nesta direção temos o modo originário de abertura da temporalidade própria. Heidegger entende que apenas na medida em que o *Dasein* está condicionado pela temporalidade, este ente se faz possível para si mesmo na forma própria do *poder-ser-todo*, que tem sido demarcado com a operação proléptica. O que marca o agir do *Dasein* no tempo histórico é o fato de deste ente ser forjado fundamentalmente, pela sua condição existencial de estar lançado como *ser-no-mundo*, diante de si, diante das coisas e dos demais seres.

A condição existencial de ser do *Dasein* como cuidado é a de *antecipar-se-a-si mesmo* no mundo, se preocupando com as coisas e com as demais existências na coexistência com estes entes. Assim, o *Dasein* em sua condição existencial histórica projeta-se na dimensão que se direciona para o porvir. Esta projeção para o porvir libera o acesso do *Dasein* no sentido de que obtenha a própria compreensão de sua condição de ente finito, pois este ente visa apropriar-se de seu *poder-se mais próprio*. O *Dasein* terá de voltar o seu si mesmo no sentido de experienciar aquilo que ele sempre tem sido na dimensão de ser um ser jogado no mundo. Este retorno do *Dasein* a si mesmo, sem deixar a reboque a realidade de sua condição existencial de risco indeterminada que está na força do porvir, na filosofia da existência heideggeriana é denominada de adiantar-se ao precursar. Aqui se entende que que o já ter sido, ou seja, a volta a si mesmo, estende-se desde a vindo do provir. A condição existencial do *Dasein* é marcada pelo fato de ter sido jogado no mundo, sendo aí lançado que este ente retorna a si mesmo depois de assumir como possível direção a finitude que lhe proporciona a abertura compreensiva na operação proléptica diante do risco possível da morte a todo instante. O tempo se mostra como um fenômeno originário e que ostenta certa atividade de repetição. Mas, o ter sido lançado apenas se abre desde o porvir, isso porque para Heidegger o tempo presente é temporalizado sob a égide do porvir. Vejamos como Giordani pondera a respeito:

A temporalidade (*Zeitlichkeit*) – O cuidado supõe uma realidade fundamental: a temporalidade. O *Dasein* é um processo de temporalização (*Zeitigung*). O homem está entretecido no tempo. Qualquer que seja a modalidade de existência adotada, o *Dasein* refere-se necessariamente a um futuro, a um passado e a um presente. Esses três momentos são chamados por Heidegger “êxtases da temporalidade” (*Ekstasen der Zeitlichkeit* – do grego *ékstasis*). O *Dasein* leva consigo o futuro (*Zukunftig*) enquanto se compreende como projeto, enquanto corre parta a morte. A compreensão se fundamenta no futuro. O homem é, em seu ser, fundamentalmente futuro (2009, p. 125).

A operação proléptica que leva em conta o risco da morte, pode ser vista como um elemento de libertação no ato de o *Dasein* se apropriar totalmente de seu ser si mesmo. Esta ação pode retirar a existência do *Dasein* da dispersão e da superficialidade das tarefas diárias que são vivenciadas em comum no formato desencontrado de si. Aqui o *Dasein* age por si mesmo e se apropria de seu modo de ser mais autêntico na temporalidade própria. Heidegger entende esta forma de compreensão do presente próprio como o instante. No entendimento de Heidegger, o tempo ganha em compreensibilidade ao ser

enquadrado na percepção do adiantar-se diante do fenômeno da morte e de uma forma concêntrica e paralelística, o tempo se dá como um evento que ocorre em tensão com a possibilidade radical de apropriação de um limiar que seja extático. Esta posição rechaça a noção de temporalidade como sucessão de fatos irreversíveis em que as esferas temporais do presente, passado e futuro acabam sendo findadas em si mesmas.

Heidegger enfrenta o fenômeno do tempo de uma forma crítica, pois recusa a mera quantificação da temporalidade e oferece uma interpretação que demonstra o paralelismo de ambos movimentos. Que leva em consideração a sequência de instantes sucessivos que forja o devir de modo intuitivo, sendo estas linhas de leitura interpretativa as noções que abarcam o fenômeno do tempo desde o fator existencial do presente. O tempo aqui precisa ser entendido como um modo de ser da existência histórica do *Dasein* que não se encerra na rasteira concepção de tempo cronológico.

A existência do *Dasein* em seus modos de ser está fincada no tempo histórico. Para Heidegger, a diferença ontológica desconstrói a tradicional visão do tempo como algo encerrado no presente. A existência ôntico e ontológica do *Dasein* é privilegiada no mundo dos entes, isso porque está lançada no mundo temporal da vida cotidiana nestas duas dimensões da particularidade e universalidade. O que o *Dasein* tem como tarefa existencial é a busca pela compreensão do sentido do ser. Uma característica do tempo na vida diária é a performatividade da linguagem de senso comum, onde se tem um calendário compartilhado que visa balizar a vida de coexistência dos entes. As bases hermenêuticas para Heidegger reler o fenômeno do tempo estão presentes nas ponderações sobre as ideias de chamado da consciência e operação proléptica diante da possibilidade última que é a morte. O fenômeno do tempo é colocado diante das lentes tanto daquilo que é ôntico como do que seja ontológico, onde se desconstrói a força da imediaticidade do presente e se implementa o contrapondo pertinente do porvir. Heidegger argumenta que o importante é que se tenha uma ação dos estratos de tempo em termos de simetria tanto do porvir, como do pretérito sido e do presente. Assim, se quer formular que estas esferas são impreterivelmente temporalizáveis paralelamente quando se estabelecem na forma de uma tríade unitária de cooriginareidade. Esta espécie de trindade na unidade, remete a concepção de êxtase onde cada uma destas abre uma possível fratura para o ato de fuga temporal. Ademais existe sempre a preponderância de uma sobre a outra em cada instante temporal.

Segundo Heidegger a tríade de tais êxtases⁹ nega simplesmente as saídas de si mesmas em rumo a alguma coisa, pois sendo assim os êxtases pertencem a via de direção que mostra uma saída existencial. Estas situações de êxtases formulam cada modo de temporalidade, seja no âmbito de sentido próprio ou impróprio, porém estas se temporalizam desde as mais diversas momentaneidades estruturalmente temporais. As estruturas temporais de momentos fazem menção a unidade robusta da força do cuidado que tem as seguintes nuances: (i) compreensão; (ii) queda; (iii) disposição e (iv) discurso. Em cada fenômeno desses o *Dasein* experiencia existencialmente uma abertura do ser no tempo histórico finito com cada uma destas êxtases. Mesmo que os êxtases tenham a força de ser temporalizadas, sendo isto percebido de uma forma horizontal onde se possibilita uma unidade que não permite que o presente seja anulado pelas demais concepções de tempo. A contraposição relevante é a

de que ao se enfatizar a força do porvir se enfraquece a robustez da imediaticidade. Outro elemento relevante na filosofia heideggeriana que coteja a questão do tempo é o chamado da consciência como um vetor de autenticidade temporal. Isso porque atinge e conforma com proximidade o *Dasein* em sua existência diária. O chamado da consciência arranca o *Dasein* do estado de indiferença no que diz respeito a sua condição existencial de *ser-para-a-morte*. Esta dimensão trata da volta e da busca pelo sentido do ser do *Dasein*, pois assim acontece a apropriação de sua morte que está velada no acontecimento de sua existência na vida diária. Buscar assim entender a morte como um fenômeno que precisa ser debatido na perspectiva da temporalidade própria, tendo em mente que esta demonstra a finitude do ser total do *Dasein*, pois desta forma, coloca em evidência a precariedade existencial do *Dasein*.

O recurso da operação proléptica é de fundamental importância para a releitura que Heidegger faz do fenômeno do tempo na sua obra magna *Ser e tempo*. Na operação proléptica o modo da temporalidade extática envolve o *Dasein* no movimento de jogar este no constante porvir. A razão para isto é a de que a operação proléptica somente se torna viável pelo motivo de o *Dasein* em sua estrutura substancial, acabar sendo projetado para o futuro, pelo motivo de sempre já estar vindo a si. Ao descrever estas estruturas Heidegger abre um debate sobre a concepção de tempo como possibilidade de projeção. Contudo, a temporalidade própria é o sentido do tempo para a existência do *Dasein*. A explicitação da temporalidade própria tensiona a concepção de tempo corriqueira que se estriba em uma sequencialidade de instantes ordenados e idênticos que opera na sucessão temporal do tempo presente, passado e futuro. Esta estrutura não perfaz e delinea o fundamento adequado para o tratamento da questão do tempo, porém remete somente a uma compreensão banal do que venha ser o tempo. Este tempo é aquele modo onde o *Dasein* calcula no seu cotidiano tudo aquilo que foi descrito na temporalidade imprópria que vem a ser oriundo da operação do tempo próprio.

A questão crítica do tempo heideggeriana está ligada a sucessão de agoras que condiz com a compreensão vulgar do tempo na gênese da intratemporalidade. A possibilidade que a temporalidade oportuniza em termos de unidade da existência, abre certa compreensão da totalidade do existir do *Dasein*. Desta feita, se articula os modos de ser do *Dasein* no âmbito da temporalidade imprópria, temporalidade intratemporal e temporalidade própria que na filosofia heideggeriana, denota a importância do existir histórico do *Dasein* dentro da fenomenologia do tempo. Na fenomenalidade da temporalidade própria se sustenta a existência do ser do *Dasein*. Segundo Strake vemos que:

A temporalidade própria, segundo Heidegger, constitui o modo de ser do *Dasein*, ou seja, é a condição fundamental de cada existir. Assim, a explicitação da temporalidade nos oferece os elementos para compreender o sentido temporal do *Dasein*. E o sentido temporal se mostra, conforme dito, na projeção em direção ao futuro, na resolução precursora da morte. Pretendemos, agora, elucidar o caráter histórico do *Dasein* baseados na demonstração fenomenal do tempo próprio (2006, p. 89).

Enfim, esta é a condição existencial nuclear do *Dasein* em cada modo de

existir. Desta maneira, a elucidação da temporalidade nos oportuniza diversos pontos de entendimento que envolve variadas esferas de existência do *ser-aí* do *Dasein* na historicidade temporal de ser lançado no mundo da vida. O projetar-se diante do porvir se refere ao sentido temporal que desvela a operação proléptica num confronto visceral com o fenômeno da morte. Nesta perspectiva temos que asseverar que a normatividade histórica da existência do *Dasein*, tem como estofa este desvelamento fenomênico da temporalidade própria. Tomando como base estruturante a temporalidade própria que desvela o ser do *Dasein* como ente jogado na temporalidade do mundo da vida. Podemos nota na filosofia existencial de Heidegger, que a questão da historicidade se constitui como fundamento da temporalidade própria, pois a hermenêutica da historicidade do *Dasein* se desvela, por último, na condição de elaboração fundida na concretização da própria temporalidade desafiada pelo sentido do ser e na autenticidade histórica da existência do *Dasein*.

Considerações finais

Numa leitura a partir de Heidegger, convém a uma compreensão pela analítica do *Dasein* de que o homem, como ser mortal, porque existe de modo finito, é sobretudo como caracterização positiva das possibilidades humanas. Assim, como o objetivo da ontologia fundamental de Heidegger foi elaborar e responder a questão do sentido de ser em geral, o resultado mais explícito se deu como uma via, que assumida, leva-nos a temporalidade como base da compreensão do ser, em que tudo é tomado a partir dele.

Assim, Heidegger propõe uma hermenêutica da temporalidade da existência do *Dasein* levando em consideração o tempo do mundo que lhe pertence. O tempo do mundo para Heidegger é o de que o *Dasein* está jogado como ser-no-mundo, descobrindo que o ente intramundano na mundanidade do mundo tem no sistema de relações uma complexidade de referências significantes que colabora para se ter uma melhor compreensão da existência do *Dasein*, e sua relação com as implicações quanto à abertura de mundo como uma unidade finita, uma unidade que contém dentro de si modos de ser aos quais resistem à luz do mundo (COLONY, 2007). Este tipo de estrutura temporal do mundo, que tem na unidade de significatividade uma via de apreensão com teor de corte fenomênico não se reduz apenas as formalizações que colocam os fenômenos em par como meras operações de simetrias. Porém, esta possui sua temporalidade própria que é o tempo público. Este tempo calculável do mundo que se expressa na preocupação, ou seja, no tempo calendarizado e cronometrado invade a vida de cada existente e todas formas de vida em comum que estão lançadas no tédio hodierno. Esta espécie de tempo que é revertido em público por causa de sua estrutura de significatividade, acaba sendo situado como o tempo do mundo público. Este tempo do mundo público fica pertencente ao mundo interpretado de forma ontológica e existencial. O *Dasein* conforme vai se temporalizando, se faz também um mundo para si. Sendo assim, “[...] é como fundado na temporalidade *ekstática* horizontal do *Dasein* que o mundo pode ser dito transcendente, que se manifesta sua constituição ontológica” (COLETTE, 2009, p. 95). O *Dasein* é o ente interrogado na questão do ser, cujo sentido reside na temporalidade – o *Dasein* possui um ser histórico; o “tempo” representa o fio que conduzirá o questionamento acerca do sentido do ser. Assim, o *Dasein* é

“como e o que” ela já foi. Heidegger então busca recuperar o passado de forma produtiva para dar uma resposta ao questionamento sobre o sentido do ser em geral (HEIDEGGER, 2008).

Para Heidegger, a proposta será a de se pensar em um tempo cada vez mais objetivo que envolve todo objeto, e o modo subjetivo que também deve ser levado em consideração no refletir temporal porque implica todo o sujeito. Esta noção complexa de tempo que compreende a intratemporalidade, onde as coisas dadas ou manipuláveis no mundo que em certa medida são não temporais, deságua na sua condição de possibilidade mais arcaica da temporalidade que envolve o si em sua existência e facticidade e que existe no tempo histórico inexoravelmente. O que garante a concreticidade deste ente é a temporalidade própria que é história e está em tensão constante com a temporalidade imprópria. Isso mostra a sua relevância porque reverte a análise para a conexão entre ser e verdade. Neste mundo mais subjetivo que ecoa pela formação da subjetividade, é que se mostra o tempo do mundo, pois parece que nitidamente o fator concêntrico é o de se direcionar o *Dasein* para o projeto *ekstático* de uma ótica e ontologia universal. Aqui reside a fratura interpelante onde Heidegger encerra a sua pertinaz reflexão sobre o tempo: “Como se há de interpretar esse modo de temporalização da temporalidade? Haverá um caminho que conduza do tempo originário para o sentido do ser? Será que o próprio tempo se revela como horizonte do ser?” (HEIDEGGER, 2008, p. 535).

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- COLLETE, Jacques. *Existencialismo*. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre, Rs: L&PM, 2009.
- COLONY, Tracy. Before the Abyss: Agamben on Heidegger and the Living. *Continental Philosophy Review*. N. 40 p. 1-16, 2007. Disponível em: <https://philpapers.org/rec/COLBTA>, Acessado em 10 de maio de 2018.
- DASTUR, Françoise. *Heidegger e a questão do tempo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.
- DEKENS, Olivier. *Compreender Kant*. Tradução Paula Silva. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- DONATO, Claudio. *O questionamento da técnica em Heidegger*. Joinville: Editora CDA Clube de Autores, 2014.
- GIORDANI, Mário Curtis. *O existencialismo à luz da filosofia cristã*. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2009.
- GREAVES, Tom. *Heidegger*. Tradução: Edgar Marques. Porto Alegre: Artmed, 2012.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, Bragança Paulista, SP Universidade São Francisco 2008.
- HEIDEGGER, Martin. *Seminários de Zollikon*. Trad. Gabriela Arhold e Maria de Fátima A. Prado. São Paulo: Editora Vozes / Educ Puc / SP, 2001.

HEIDEGGER, Martin. *O conceito de tempo*. Cadernos de tradução. São Paulo: Departamento de Filosofia da USP. n.2, p. 7-30, 1997.

INWOOD, Michael. *Dicionário Heidegger*. Trad. Luísa Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

KANT, Immanuel. Doutrina transcendental dos elementos: primeira parte estética transcendental. Coleção: *Os pensadores*. Trad. Valério Rohden e Udo Baldur Moosburger. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

MACDOWELL, João A. *A gênese da ontologia fundamental de Martin Heidegger: ensaio de caracterização do modo de pensar de Sein und Zeit*. São Paulo: Loyola, 1993.

MORA, José Ferrater. *Dicionário de filosofia tomo II - (E-J)*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

RICHARDSON, Willian J. *Heidegger, Throught Phenomenology to Trought*, Preface by Martin Heidegger. 4. ed., New York, Fordham University, 2003.

SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. 2.ed. rev. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

SAFRANSKI, Rüdiger. *Heidegger, um mestre da Alemanha entre o bem e o mal*. Tradução: Lya Lett Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2a ed. 2005.

SARAMAGO, Ligia. *Topologia do ser: lugar, espaço e linguagem em Martin Heidegger*. Rio de Janeiro: Loyola. PUC-Rio, 2008.

STRAKE, Silvia Cristina Salvan. *A história no pensamento heideggeriano de Ser e Tempo*. São Paulo, SP, 2006. 129 p. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006 Disponível em: < <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/11737/1/FIL%20%20Silvia%20Cristina%20S%20Strake.pdf>> Acesso em: 05/12/2021.

¹ Doutorado em Filosofia no Programa de Pós-Graduação em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0275983961321105>, ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9499-1233>

² Doutor em Filosofia na UNISINOS. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2759484555893820>, ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1770-6021>

³ Esta condição existencial do *Dasein* é comentada por Greaves (2012, p.123) na linha do que se entende, que o *ser-para-a-morte* pode ser encarado como o que confere ao *Dasein*, o potencial de poder assumir ou deixar cada uma das suas possibilidades como pertencente à sua habilidade singularizada e total de ser lançado no mundo.

⁴ A terceira seção dá mais ênfase a temporalidade como independência, mas Heidegger nunca a concluiu, sabemos disso pelo seu prefácio à sétima edição em 1953.

⁵ Heidegger aponta que a finitude do ser-aí humano deriva do conceito de morte e, portanto, do conceito de temporalidade finita. Podemos ver esse ponto mais desenvolvido no §65 de *Ser e Tempo*.

⁶ Segundo Dekens (2008, pp. 46-47) a grande novidade kantiana está presente no friso de que o tempo não existe nas coisas, mas nas condições subjetivas de sua intuição. O segundo aspecto importantíssimo é o de que a diferença entre espaço e tempo é forjada por uma condição formal *a priori* de todos os fenômenos em geral.

⁷ A respeito desta força do conceito levado em consideração por Hegel na questão da representação do tempo, Safatle (2016, p.110) argumenta que a especificidade da eternidade do conceito para Hegel. Porém, deve-se fazer duas distinções nisto, a saber, a distinção entre

eternidade e duração, assim como a definição de eternidade como presente absoluto. Assim, a duração é distinta da eternidade, pois esta é somente a superação relativa do tempo. Entretanto, a eternidade acaba sendo infinita que não reflete o relativo movimento de duração em si refletida.⁸ Conhecemos como tradução pela palavra decair (*Verfallen*), que é um caráter ontológico do ser do ser-aí e, junto com os existenciais que constituem a abertura do “aí” do ser-aí, constitui o modo específico de abertura do ser-aí inautêntico e em sua cotidianidade mediana.

⁹ Segundo Mora (2001, p.980) Heidegger utilizou o termo “êxtases” num sentido distinto ao referir-se aos “êxtases da temporalidade”, isto é, aos fenômenos do passado, presente e futuro que resultam da “saída de si mesma” da temporalidade originária. Os “êxtases” temporais surgem, portanto, quando a temporalidade se temporaliza em suas próprias manifestações, quando se torna propriamente temporal o que era “temporário”.

Recebido em: 03/2022
Aprovado em: 07/2022